



JOÃO PEDRO AZUL

JOÃO PEDRO AZUL (Vila do Conde, 1972)

é formado em Teatro — Interpretação pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, tendo trabalhado nas áreas da dramaturgia e da encenação. Coordenador da revista *Flanzine* e editor na Flan de Tal, onde vem publicando a colecção *elementário*, publicou o seu primeiro livro de poesia em 2020: *Um Cavalo Sentado à Porta*. Em conjunto com o ilustrador João Concha, assinou o *Livro do Amo* (2015, Plano Nacional de Leitura). Pós-graduado em Gestão de Actividades Artísticas, Culturais e Educativas, frequentou o Mestrado de Multimédia da Universidade do Porto, onde desenvolveu trabalhos de fotografia, cinema e documentário. É membro fundador da Cabe Cave — Associação Cultural.

Odeio-vos porque sois diferentes
Odeio-vos ainda mais porque vos inventei
O tédio é fodido
O karma tramado
E eu nunca gostei de marcar contraplacado
Só não sinto dor porque estou morto
na berma de um prato
à sombra dos vossos egos
à sombra do meu
talvez encontre aí o tom certo
a medida das coisas sem medida
o punho certo em dentes

Se fosse poeta fingia tudo isto
Abria uma tinturaria
para tecidos nervosos
e inflamáveis

E emigrava para lado nenhum
d direcção ocidente vascular cerebral
O natal é quando um homem quer
Morrer

mas o calendário não me trouxe nenhuma
ponte
daqui
pra fora
Desaparece



Vou fazer deste ódio uma praia
onde me vou ver afogar em cada um de vós
e em dias felizes
vou comer-vos como o Joaquin Phoenix
no *The Master*

Todos sabemos que areias paradas não engolem sapos
Todos sabemos muita coisa e não queremos saber tanto
Sabemos o sapo mal morto e o carneiro adormecido
E eu sinto ódio do vosso sono
E da minha repetição
E canto Times New Roman
E vejo cair todos os impérios enquanto pisca o cursor
Fosse eu um rio

In *Flanzin* – Ódio, n.º 15, Março de 2017, s/p.

Balada para Walter Sobchak

Neste preciso momento,
Em San Pedro, Los Angeles, Califórnia
O vento sopra a vinte e seis quilómetros por hora,
Em direcção a Este.

Não se prevê a aparição de niilistas.

In *Flanzine* – Cinzas, n.º 17, Junho de 2018, p. 61.

VII

Havia um homem que rosnava para dentro do precipício cavado pelas suas próprias unhas.
Havia um cão que sonhava abrir um gabinete de estética mas não tinha licença.
Havia uma mulher que tinha homem e cão e casa e mesa posta por si, mas era apenas alimento da mesa da casa do cão do homem e do seu próprio precipício.
Apesar de tudo cantava.
E quanto mais cantava mais rosnava o homem e sonhava o cão e chorava a toalha a mesa que a tudo assistia do alto da sua horizontalidade.
A tragédia parecia tão inevitável quanto a noite.
Mas a noite havia de chegar mais cedo, naquele dia.
Mais cedo para o cão que não havia de abrir o seu salão.
Mais cedo para o homem que em breve ficaria sem unhas.
Mais serena para a toalha que se veria ocupada por um prato só. E um copo só. E, apesar de só, mais mulher.

In *Um Cavalo Sentado à Porta*, Edição do Autor, Outubro de 2020, p. 18.

**DIGA
33
POESIA
NO TEATRO**
PROGRAMA ELABORADO POR
**HENRIQUE MANUEL
BENTO FIALHO**

**FRANCISCA
CAMELO
&
JOÃO PEDRO
AZUL**
18 MAIO 2021





FRANCISCA CAMELO

FRANCISCA CAMELO (Porto, 1990) estudou Artes Visuais e Psicologia na Universidade do Porto. Tem poemas publicados em diversas revistas, tais como *Enfermaria 6*, *Flanzine*, *Tlön*. É co-fundadora de *A Bacana*, plataforma *on-line* de divulgação de literatura e arte. Publicou os livros *Cassiopeia* (Apuro Edições, 2018), *Photoautomat* (Enfermaria 6, 2019), *O Quarto Rosa* (Exclamação, 2019), com o qual foi semifinalista do Prémio Oceanos 2019, e *A Importância do Pequeno-almoço* (Fresca, 2020). Entre as novas vozes da poesia portuguesa, é uma das mais seguras e acutilantes.

ao poeta que me envia árias avulsas

andas muito lírico, amor.
não compreendo
a tua necessidade
de ouvir ópera sem parar, isso
não existe essa grandeza dos afectos
essa adolescência momentânea
os corpos rosáceos
sob um tecto de estrelas
isso não existe, meu amor.
agarra-te ao trabalho no supermercado
abraça a dormência da rotina
esquece os romances
deixa de escrever e sobretudo
não ouças mais ópera que isso
não existe, amor, e se existir
não é perto de nós.
paga a renda, come chocolates,
consolida, filho, consolida,
que o inverno vai ser longo e esses cravos
na parede e essa força
e esse amor universal não existem
nada disso existe
por isso agarra bem os talões de desconto,
serão a maior carta de amor no teu correio,
ajuda as velhas a atravessar a rua
bebe até cair
mas só a partir das oito da noite
que não te deixam sair antes do trabalho
larga a literatura
deixa os clássicos para reciclagem

mas se for poesia
queima-a:
o verso livre é perigoso.
larga os amores, as flores e os cravos
agarra-te ao boletim de voto e às revisões
constitucionais mas só se te deixarem
sair do trabalho para as urnas.
a última vez que fodeste a sério
eras adolescente e já nem sabes
se foi assim tão bom mas
não te preocupes com mais,
o prozac não esquece a alegria,
acaba o cigarro, abotoa o colarinho
toma a certeza de que só essa cadeira
é o teu lugar no mundo:
volta para dentro sorriso
amarelo ombros
encolhidos cabeça
baixa, barba feita que
não deixam que cresça porque
fica mal, fica-te tão mal
esse pensar divergente
mas sobretudo
larga a ópera, que
andas muito lírico.

In *Cassiopeia*, Apuro Edições, Agosto de 2018, pp. 17-18.

não estavas lá

o chris brown bateu na rihanna
e eu não estava lá
só cheguei mais tarde quando ela
já estava pisada
na capa de uma revista qualquer.
a rita abortou sozinha
numa sala onde a fizeram dizer
como quando onde
porque é que deixaste
sua puta, onde está o teu namorado
agora? onde está a tua libido
agora? e eu só cheguei
sete anos mais tarde
só para lhe dizer que lamento toda a solidão.
a maria casou-se com um dependente
químico para poder deixar de ser
emigrante ilegal viu-o enfiar opióides
pelo cu acima e coca narinas abaixo
anos mais tarde ficou pior
para além de cheirar ele votou na afd,
a maria teve medo quando
ele levantou a voz então saiu
e foi para a estação de camioneta
já fazia greve e alguns graus negativos,
acho que ela teve frio. só cheguei
uma semana depois
para lhe dizer que ela não devia
ter de passar frio
em noites como aquela
o comunista de há muitos anos

quis bater em mim mas
em vez disso optou por
esmurrar a parede
de certa forma fiquei agradecida
sou péssima a mentir
ou a espalhar maquilhagem
pior ainda a explicar sem modéstia que
consigo deixar um homem louco
mesmo que isso signifique um punho
a dois centímetros do meu rosto
e por isso mesmo achei que
não seria urgente – só cheguei muito mais tarde
para me dizer que lamento que ainda
sei como se entranha na garganta
o som seco de um punho na parede
e ainda gosto de pensar que não era eu ali
quando o pequeno chris brown de trazer na algibeira
se masturba avidamente com a mesma capa de revista
enquanto me sopra ao ouvido:
não estavas lá.

In *Photoautomat*, Enfermaria 6, Agosto de 2019, pp. 30-31.